

Copyright © Fontoura Editora Ltda.
Caixa postal 2096 Jundiaí - SP CEP 13201-973
Tel./Fax: (11) 4587-9610 - Tel.: (11) 4587-9611
www.editorafontoura.com.br
e-mail: atendimento@editorafontoura.com.br

Autores

ENSAIOS SOBRE HISTÓRIA E SOCIOLOGIA NOS ESPORTES

Coleção Norbert Elias - vol.2

1ª Edição - junho/2006

Impresso no Brasil

Supervisão editorial

Ricardo Fontoura

Revisão ortográfica

Pedro Martins Chimachi

Tradução

Viviane Carvalho Bejarano

Todos os direitos reservados.

A fotocópia de qualquer parte deste livro é ilegal e configura apropriação dos direitos intelectuais e patrimoniais do autor.

Lei Federal nº. 9610, de 19 de fevereiro de 1998.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

59

Ensaaios sobre história e sociologia nos esportes / [organização de] Ademir Gebara, Luiz Alberto Pilatti. – Jundiaí [SP] : Fontoura Editora, 2006.

196 p. – (Coleção Norbert Elias ; v. 2)

Inclui bibliografia.

ISBN 85-87114-38-7

1. Esportes – história e sociologia. 2. Teoria dos Processos Civilizadores – Norbert Elias. 3. Uso de drogas - esporte. 4. Esporte - Brasil. 5. Futebol. 6. Críquete. I. Gebara, Ademir. II. Pilatti, Luiz Alberto. III. Série.

CDU 796:316

796(091)

CDD 796.01

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)

Ademir Gebara
- Brasil.

Dominic Malcolm

- Reino Unido.

Eric Dunning;

- Reino Unido.

Graham Curry

- Reino Unido.

Ivan Waddington

- Reino Unido.

Luiz Alberto Pilatti

- Brasil.

Wanderley Marchi Júnior

- Brasil.

- TODD, T. *Anabolic steroids: the gremlins of sport*. Journal of Sport History, v. 14, pp. 87-107, 1987.
- VERROKEN, M. *Drug use and abuse in sport*. In: MOTTRAM, D. R. (Ed.). *Drugs in sport*. 2nd ed. London: E. & F. N. Spon, 1996.
- VOY, R. *Drugs, sport and politics*. Champaign, IL: Leisure Press, 1991.
- WADDINGTON, I. *The development of sports medicine*. *Sociology of Sport Journal*, n. 13, pp. 176-96, 1996.
- WADDINGTON, I. *Sport, health and drugs: a critical sociological perspective*. London: New York: E. & F. N. Spon, 2000.
- WALTZKIN, H. B. WATERMAN, B. *The exploitation of illness in capitalist society*. New York: Bobbs-Merrill, 1974.
- WILLIAMS, G. *Review essay: Irving Kenneth Zola (1935-94): an appreciation*. *Sociology of Health and Illness*, v. 18, n. 1, pp. 107-25, 1996.
- WILLIAMS, J. G. P. *Sports medicine*. London: Edward Arnold, 1962.
- WILLIAMS, J. G. P. SPERRY, P. N. (Eds.). *Sports medicine*. 2nd ed. London: Edward Arnold, 1976.
- WILLIAMS, S. J. CALNAN, M. (Eds.). *Modern medicine: lay perspectives and experiences*. London: UCL Press, 1996.
- ZESALIS, C. E. (Ed.). *Anabolic steroids in sport and exercise*. Champaign, IL: Human Kinetics, 1993.
- ZOLA, I. *Medicine as an institution of social control*. *Sociological Review*, n. 20, pp. 487-504, 1972.

ESCOLAS PÚBLICAS, RIVALIDADE SOCIAL E O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL

Eric Dunning; Graham Curry

INTRODUÇÃO

Imaginamos auxiliar o leitor, iniciando esta discussão do desenvolvimento do futebol como um jogo mundial, considerando as origens e os significados dos termos *football* e *soccer*. Isso porque os termos são usados, às vezes, como sinônimos, e, às vezes, não.

Em quase todos os países, é costumeiro referir-se ao jogo de bola mais popular do mundo pela tradução da palavra inglesa *football* para a língua nativa: *Fussball* em alemão; *voetbal* em holandês; *futbol* em espanhol, *football* em sueco e futebol no português. A única exceção, ao menos na Europa, está na Itália, onde *gioco del calcio* é o termo usado para referir a reivindicação dos aficionados do futebol de que a Itália foi o local de nascimento do jogo moderno. Tal reivindicação é provavelmente falsa.

O termo *soccer* (futebol) é derivado de uma abreviatura do termo associação (*association*) e refere-se à maneira altamente específica e moderna de jogar futebol em associações. Embora não seja usado tão extensamente como o termo *football* e suas traduções, na Grã-Bretanha e na Irlanda, o uso do termo *soccer* é compreendido extensamente. Não se compreende assim extensamente em outros países da Europa, África, Ásia ou América do Sul e Central. De fato, os principais países onde o termo *soccer* é usado exclusivamente para se referir ao futebol são os países da América do Norte e a Austrália, onde seu uso é necessário, pois os americanos, canadenses e australianos usam o termo *football* para referir-se a outro jogo que foi desenvolvido, no final do século XIX e começo do século XX, por seus cidadãos de descendência européia.

Esta discussão pode parecer desnecessariamente pedante, todavia é essencial, porque se crê, geralmente (exceto na Austrália, Canadá e EUA), que o termo *football* e suas traduções definem necessariamente o jogo de bater a bola com os pés e a cabeça, atacando e defendendo um gol, e no qual, durante o curso do jogo, somente aos goleiros se permite tocar a bola com as mãos. Tal crença é errônea. O termo *football* data pelo menos de 1314, quando foi usado para definir uma classe de jogos populares frouxamente regulados, nos quais segurar, carregar e jogar a bola - assim como chutá-la - era permitido. Alguns desses jogos foram chamados por outros nomes, e em alguns, até mesmo varas podiam ser usadas. Mais recentemente, a palavra *football* veio a ser utilizada como um termo genérico, que se refere a uma classe de jogos de bola "esportivizados"¹ como: *association football* (o futebol ou *soccer*), *rugby football* (rúgbi de união e liga), *football americano*, *football canadense*, *football* australiano e *football* da Gália. Há uma abundância de dados relativamente sólidos sobre a história dessa classe de jogos. Se interpretados corretamente, os dados nos permitem formar hipóteses sobre o desenvolvimento do futebol. Para investigar e testar tais hipóteses, é necessário retornar ao ano 1314 e iniciar a pesquisa.

O FOOTBALL POPULAR NA GRÃ-BRETANHA MEDIEVAL E COMEÇO DA ERA MODERNA

Na Grã-Bretanha, evidências confiáveis da existência de um jogo chamado *football* começaram a se acumular depois do início do século XIV. Entre 1314 e 1667, ordens proibindo o *football* e outros jogos populares foram emitidos pelas autoridades centrais e locais em numerosas ocasiões. A tabela 1 demonstra a frequência de tais proibições, e uma indicação de como estavam difundidos, geograficamente, os jogos populares antecedentes ao futebol moderno.

TABELA 1 - Lista das proibições aos jogos populares antecedentes ao futebol moderno, por Estado e autoridades locais.

Ano	Monarca ou outro responsável oficial	Localidade
1314	Prefeito de Londres, em nome de Edward II	Londres
1331	Edward III	Londres
1349	Edward III	Londres
1364	Sínodo de Ely	Ely
1365	Edward III	Londres
1388	Richard II	Londres
1389	Richard II	Londres
1401	Henry IV	Londres
1409	Henry IV	Londres
1410	Henry IV	Londres
1414	Henry V	Londres
1424	James I da Escócia	Perth
1450		Hallifax
1454		Hallifax
1457	James II da Escócia	Perth
1467		Leicester
1471	James III da Escócia	Perth
1474	Edward IV	Londres
1477	Edward IV	Londres
1478	Prefeito de Londres	Londres
1488		Leicester
1491	James IV da Escócia	Perth
1496	Henry VII	Londres
1533	Prefeito de Chester	Chester
1570		Peebles
1572		Londres
1581		London
1594		Shrewsbury
1608		Manchester
1609		Manchester
1615		Londres
1636		Oxford
1655		Manchester
1660		Bristol
1666		Manchester
1667		Manchester

Fonte: Magoun (1938), Marples (1954), Sherman (1887), Young (1968). Nota: A autoridade local (e não estadual) foi responsável pelas proibições onde não aparece o nome de um indivíduo ou grupo.

¹ O conceito de "esportivização" foi desenvolvido por Norbert Elias como uma forma de denotar o processo social através dos quais as formas esportivas modernas se desenvolveram. Ver: Elias e Dunning (1986).

O estatuto de 1496 do Rei Henrique VII foi re-decretado (várias vezes durante o reinado de Henrique VIII (1509-47), o último monarca inglês a redigir tal legislação, que permaneceu nos estatutos até 1845 sob o título "Projeto de lei para manter a artilharia banir os jogos ilegais" (Marples, 1954, p. 43).

A proibição de 1314, assim como aquela emitida por Eduardo III em 1365, mostra as razões principais pelas quais as autoridades desejavam banir o *football* e outros jogos similares. A ordem de 1314 foi emitida em nome de Eduardo II pelo prefeito da cidade de Londres e referiu-se a "imenso alvoroço na cidade e tumultos originados nas imensas *footballs* nos campos públicos, cuja origem é muitos males". A ordem, proferida "em nome do Rei", proibia o jogo e previa o "aprisionamento para os infratores" (Marples, 1954, p. 439-441). A proibição de Eduardo III estava ligada à crença de que, jogos como o *football* tinham efeitos adversos no preparo militar. Deve-se notar que essa era a época da Guerra dos Cem Anos entre a Inglaterra e França, iniciada em 1338. A proibição de 1365 lia:

Aos Xerifes [Nota da tradutora: principais autoridades executivas de um condado nos EUA ou Inglaterra, encarregados de manter a ordem pública e fazer cumprir as decisões judiciais] de Londres: Ordenem que proclamação seja feita que todo homem capaz fisicamente, em dias de festa em que cultive o lazer, use arcos e flechas ou virole e pelotas... proibindo-os sob pena de aprisionamento ocuparem-se de jogos de pedras, de *loggais* e *quoits* [Nota da tradutora: jogos nos quais o objetivo era a proximidade de um alvo - em *loggais*, deveria-se com um objeto derrubar o alvo, em *quoits*, um disco com um furo ao meio deveria encaixar-se num alvo fixo na terra] ou *football* ou *bandball*... ou outros jogos vãos sem nenhum valor; já que os súditos de outra praticavam a arte (do uso de arcos e flechas) nos esportes... até que pela glória de Deus o reino foi honrado e o rei favorecido em questões de guerra; o que tornou certas artes esquecidas e fez com que o povo se acoplasse a jogos acima descritos e outros jogos desonestos, dispendiosos ou inativos, por meio dos qual o reino muito certamente ficará sem arqueiros (MARPLES, 1954, pp. 181-182).

Está claro, que as autoridades da Grã-Bretanha medieval tentaram suprimir o *football* e outros jogos tradicionais porque os consideravam um desperdício de tempo e uma ameaça à ordem pública de defesa nacional. Em consequência, tentaram direcionar as energias do povo ao que considerava mais útil, como o treinamento militar.

As proibições oficiais indicam como as autoridades da Grã-Bretanha medieval viam o *football* popular, porém fornecem pouca informação sobre o caráter e a estrutura de tais jogos. Um exame detalhado de um texto de Carew, do século XVII, sobre o *hurting* (jogo rural praticado na região de Cornwall, Inglaterra), indica que estes antecedentes populares do futebol moderno - e de esportes modernos a ele relacionados - eram formas de jogos de combate intergrupais que se assemelhavam mais a lutas reais do que é normalmente o caso dos seus "descendentes" do século XX.

De acordo com Carew, as partidas de *hurting* eram quase sempre organizadas por cavaleiros da nobreza. Os *goals* (as metas ou alvos) eram as próprias casas destes cavaleiros ou duas cidades ou vilas distantes aproximadamente 4-6 Km. Não havia "comparação numérica de homens". O jogo era jogado com uma esfera de prata e o objetivo era carregá-la "pela força ou pela destreza ao "goal" do próprio lado". Carew descreveu o jogo desta forma:

Todo aquele que aprender a bola, se encontrará geralmente perseguido pelo time adversário; eles não o deixarão, até que... esteja derrubado nesta terra de Deus; e uma vez caído, desabilitado para deter a bola, a jogará aos de seu time, ao mais distante, que deverá fugir de qualquer maneira... Os *Hurlers* (jogadores do *hurting*) abrem caminho por montes, escarpados, vales, várzeas, muros, arbustos, lamaçais, atoleiros ou qualquer obstáculo, de modo que algumas vezes podem-se vê-los em grupos de 20 ou 30 lutando na água, engalfinhando-se pela bola. Um jogo (altamente) rude e áspero, e como não seja desistido de regras e planos de ação, de alguma maneira assemelham-se aos feitos de guerra: há cavaleiros bem colocados... de um ou outro lado...prontos para se afastarem com a bola se a puderem recuperar... Mas... nenhum cavaleiro longe o suficientemente rápido, sem certamente encontrar na esquina de algum muro, sob uma ponte ou escondido na água, aquele que o busca... e se sua boa sorte não o guarda... ele pagará o preço pelo roubo, com sua queda e a de seu cavalo....

A bola neste jogo pode ser comparada a um espírito infernal: quem quer que a agarre, tentará fugir como um homem enlouquecido, brigando e lutando com aqueles que o queiram capturar; e logo lhe tomarão a bola, e ele resignará sua loucura em favor do receptor, e recuperará a paz de antes. Não posso resolver se devo elogiar o jogo, pela honrabilidade e exercício, ou

condená-lo, pelo tumulto e danos que provoca, uma vez que... produz corpos fortes, firmes e ágeis, e põe a coragem necessária em seus corações para encontrar o inimigo cara a cara ... mas é acompanhado por muitos perigos, alguns que derrubam os jogadores. Prova disso é que quando terminado o jogo, pode-se vê-los repousando em casa, como vítimas de uma batalha, com cabeças ensangüentadas, ossos quebrados e fora do lugar, e machucados que servirão para lhes encerrar os dias. Contudo, o jogo é bom, e nunca *Attourney* (procurador ou advogado) ou *Crowner* (aquele que coroa) se incomodaram com o tema (CAREW, 1602 citado por DUNNING; SHEARD, 1979, p. 27).

Carew dá uma boa ideia da estrutura geral imprecisa deste tipo de jogo. Não havia nenhuma limitação em números dos participantes, estipulação de igualdade numérica entre os lados ou limitação no tamanho da área de jogo. Os jogadores não jogavam em um campo demarcado, mas no território entre o que fora estipulado como sendo os "goals" dos dois lados e nas cercanias, isto é, nos lugares onde o costume determinava que tivessem de transportar a bola para poder ganhar. O jogo era áspero, mas de nenhuma maneira desprovido de regulamentos. Uma das regras emerge do texto de Carew: quando marcado, o jogador na posseção da bola deve passá-la a outro membro do time. Havia também uma divisão de trabalho rudimentar dentro de cada equipe, aparente no que Carew, usando analogias militares então contemporâneas, chamou de 'fore-ward' (para frente), 're-re-ward' (para trás) e two 'wings' (duas asas). Isto mostra que o uso de termos como *forward* e *wing*, que denotam posições de jogo (uma prática que sobrevive no futebol e no rúgbi de hoje) tem um ancestral longínquo e raízes militares. Carew menciona também uma divisão entre jogadores a cavalo e a pé. Isto é interessante porque sugere que, nesses jogos populares, elementos do que mais tarde seriam jogos distintos - nesse caso não somente o futebol e o rúgbi, mas também o *hurling* e o pólo - já fizeram parte de um único jogo.

A aspereza descrita por Carew é o que se esperaria de jogos jogados por um grande número de povos ingleses do século XVII de acordo a regras orais vagamente definidas. Não havia nenhum árbitro para manter o controle e nenhuma autoridade exterior a qual apelar nos casos de disputa. A confirmação de que jogos deste tipo continuaram a ser jogados na Inglaterra até o século XIX, emerge de uma descrição de um tipo de *football* jogado todos os Natais no começo dos anos 1800, em Cardiganshire, Wales:

Em Llanwenog, uma paróquia ao sul de Lampeter, os habitantes eram divididos em Bros e Blaenau para o jogo de *football*... Os Bros... ocupavam a terra elevada da paróquia, apelidada de "Paddy Bros" por uma tradição dos descendentes de Irlandeses. Os Blaenau ocupavam a planície, e presume-se que eram Britânicos de raça pura. O jogo começava ao redor do meio-dia... Então todos os Bros e Blaenau, ricos e pobres, homens e mulheres, reuniam-se na estrada que dividia o planalto da planície. A bola era jogada ao ar, e quando caía, Bros e Blaenau disputavam sua possessão. Um quarto de hora, freqüentemente, decorria antes que alguém conseguisse sair com ela do amontoado de gente... Então, se um Bros pudesse levar a bola ao planalto, eles ganhariam. Os Blaenau seriam bem sucedidos se conseguissem levar a bola para a sua extremidade da paróquia... A paróquia inteira era o campo, e muitas vezes, escurecia antes que algum time tivesse assegurada a vitória. No ínterim, muitos pontapés eram dados e levados, de modo que no dia seguinte os concorrentes eram incapazes de andar, e às vezes um pontapé na canela conduzia dois homens ao abandono do jogo, ao menos até que se decidisse quem era o melhor pugilista... A arte do *football* nos velhos dias parece ter sido reduzida a jogar para alcançar o *goal*. Uma vez o *goal* era alcançado, a vitória era celebrada com gritos e tiros ao ar, e a cidade não se perturbava novamente até o Natal seguinte. (citado por DUNNING; SHEARD, 1979, pp. 29-30).

Alguns historiadores são relutantes em descrever jogos como o *hurling*, *knappan*, *bottle-kicking*, e outros jogos similares como o *camp-ball* da Ânglia de Lesie (talvez *camp* neste caso derive do alemão *kämpfen* que significa lutar, daí *fight-ball* ou luta pela bola) como antecedentes populares do futebol moderno. Isso é compreensível, mas tal relutância baseia-se em uma falha em apreciar inteiramente a natureza destes tipos de jogos, que foram jogados de acordo com costumes orais transmitidos, sem regras nacionais burocraticamente administradas - daí as grandes possibilidades de variação nos nomes e nos modos de jogar - porque não havia regras escritas nem organizações centrais para unificar o nome ou a maneira de jogar. Devido a isso, as referências ao *football* em fontes medievais não implicam num jogo jogado de acordo com um único grupo de regras. A identidade de nomes não é, conseqüentemente, nenhuma garantia da identidade dos jogos a que estes nomes se referem. Por outro lado, as diferenças entre os jogos populares que recebiam nomes

diferentes eram, raramente, tão grandes quantas aquelas entre esportes modernos. Isto é, até onde se sabe – as diferenças entre *hurling*, *knappan*, *camp-ball*, *bottle-kicking* e, como consultado nas fontes medievais e começo da era moderna, o *football*, não eram nem tão grande nem tão bem definida como aquelas que existem hoje entre o rúgbi, o futebol, o hóquei e o pólo.

Alguns destes jogos podem ter tido nomes diferentes porque foram jogados com instrumentos diferentes. O *knappan*, por exemplo, era um disco de madeira. O *bottle* (garrafa) do jogo de *bottle-kicking* de Hallaton-Medbourne era na verdade, um pequeno barril de madeira. O *football* é o nome que retorna mais freqüentemente, mas as referências mais antigas a ele parecem descrever um tipo de bola, e não a um modo de jogar. Por exemplo, a proibição de Londres de 1314 referiu-se ao tumulto que se levantava das enormes "*footballs*", e não do jogo de *football*, enquanto a proibição de Manchester de 1608 referiu-se a jogar "*com a fotebale* e não ao jogar *football*" (Dunning; Sheard, 1979, p. 22)". Tanto quanto se pode verificar, o tipo de bola a que foi dado o nome *football* era uma bexiga animal inflada, geralmente, mas nem sempre, coberta de couro. As bolas deste tipo, maiores provavelmente, eram chutadas com maior facilidade que as bolas menores e sólidas. Isto poderia explicar a origem do termo *football* (foot = pé, ball = bola). Alternativamente, o termo poderia ter significado um jogo de bola jogado a pé, ao contrário de a cavalo. Apenas gradualmente, esse termo parece ter sido usado primeiramente em referência a um tipo de jogo. Entretanto, e a despeito da preponderância crescente deste último significado, seria errôneo supor que nos jogos populares chamados *football*, a bola tenha sido propelia somente ou principalmente pelo pé, ou inversamente, que os jogos chamados *hurling* ou *bandball* a bola fosse jogada somente com as mãos². Isso porque as proibições nesses jogos populares eram definidas menos claramente e reforçadas menos estritamente do que os esportes modernos. De fato, como tentaremos mostrar, o futebol, com a manipulação mínima e jogado principalmente com os pés, e o rúgbi, jogo de manuseio da bola que enfatiza o carregar e lançar, são ambos produtos do século XIX.

² A possibilidade de que jogos jogados principalmente com os pés eram, como eram, jogados mais geralmente "no ar" é sugerida pelo fato de que existia uma forma especial de jogo no sudeste da Inglaterra, o *camp ball*, também chamado *kicking camp* (campo de chutar bola). Não há, entretanto, o mesmo prestígio dos jogos de Eton (ver a discussão no final deste artigo) possivelmente, por esta razão não se difundiram.

Os jogos populares que antecederam o futebol moderno estavam tradicionalmente associados a festivais e feriados religiosos como o *Shrove-tide* (os três dias que antecedem a Quarta-Feira de Cinzas, considerados na época como dias dedicados à confissão), a Páscoa e o Natal. Entretanto, podiam também ser jogados a qualquer tempo no outono, no inverno ou na primavera. Eram jogados pelo país e nas ruas das vilas e das cidades e, freqüentemente, tanto por mulheres como por homens. Normalmente, os jogadores eram membros de um grupo específico e jogavam contra outro grupo tradicionalmente considerado "inimigo" – por exemplo, Hallaton *versus* Medbourne, Bros *versus* Blaenau, sapateiros *versus* alfaiates, celibatários *versus* homens casados, esposas *versus* solteiras – ao invés de serem membros voluntários de um clube ou associação cuja razão principal de existir fosse jogar *football*. Nesses jogos populares, a identidade da comunidade tinha precedência sobre a identidade individual, e o grau de escolha individual que os jogadores tinham era, relativamente pequeno, se comparado com os jogadores amadores de futebol de hoje. Isto não quer dizer que a identidade da comunidade não fosse, freqüentemente, expressada de modo entusiasmado.

Quaisquer que sejam os nomes e quer tenham sido ou não associados a um festival em particular, os antecedentes populares do futebol moderno foram, em relação a seu equivalente de hoje (especialmente como jogados nas sociedades mais desenvolvidas do Oeste), jogos abertamente emocionais caracterizados por grande esforço físico. As restrições eram vagamente definidas e impostas mais pelos costumes, contrastando com os regulamentos formais escritos do esporte moderno, que requerem dos jogadores um grau elevado de autocontrole e envolvem a intervenção de oficiais externos quando uma falta deliberada é cometida, quando ocorre acidentalmente ou quando os jogadores perdem o autocontrole. Em consequência, o padrão básico do jogo - o caráter dos jogos populares como "lutas" entre grupos, a apreciação aberta do arrebatamento comparável àquela da batalha, o tumulto e o nível relativamente elevado de violência física social tolerada - esteve sempre e em toda parte presente. Em resumo, estes jogos foram moldados em uma forma comum que transcendeu diferenças de nomes e tradições locais específicas.

O FOOTBALL POPULAR NA EUROPA CONTINENTAL

Como sugerimos antes, jogos de bola similares aos jogos populares britânicos, antecedentes ao futebol moderno, foram jogados

também na França. Assim como na Grã-Bretanha, estes jogos populares foram proibidos por decreto real, por exemplo, por Philippe V em 1319 e por Charles V em 1369 (Marples, 1954, p. 25). Tais tentativas foram feitas até o começo da Revolução, sugerindo que as autoridades francesas eram tão mal sucedidas em reprimir estes jogos, quanto às britânicas. Decretos similares foram sancionados na América colonial, mostrando que os primeiros colonizadores ingleses devem ter jogado tais jogos e que as autoridades os viam de modo similarmente problemático (Gardner, 1974, p. 96).

Na Itália, um jogo um pouco melhor regulamentado, o *gioco del calcio*, tinha-se desenvolvido ao redor do século XVI e XVII. Os participantes, diz-se, eram "jovens Cavaleiros de boa fortuna", e dois times de vinte e sete jogadores jogavam todas as noites na *Piazza di Santa Croce*, Florença, desde a Epifania (6 de Janeiro, Dia de Reis) até a Quaresma (os 40 dias desde a Quarta-Feira de Cinzas até a Páscoa) (Marples, 1954, p. 67). Que foi sempre um jogo áspere, é algo enfatizado por uma tradução inglesa, publicada em Londres em 1656, de uma descrição feita por Boccacini. O começo do texto relata o seguinte:

Na última terça-feira, os nobres Florentinos jogaram no *calcio* do campo de *Phebean*... e embora alguns (para quem foi uma novidade ver muitos destes cavalheiros florentinos caírem engalfinhados ao chão) tenham dito que essa maneira de proceder naquilo que é considerado um jogo e um esporte seja demasiado áspera, o jogo não é severo bastante no combate real... a comunidade de Florença faz muito bem em introduzir o *Calcio* entre os cidadãos, com a finalidade de dar-lhes a satisfação de dar uns quatro ou cinco bofetões naqueles contra quem carregam antipatia. Através do esporte, eles podem apaziguar suas raivas - melhor que através do uso de punhais (YOUNG, 1968, pp. 88-90).

A presença de soldados carregando lanças em representações pictóricas do jogo (Marples, 1954, p. 21) sugere que a função de controle social atribuída ao *Calcio* por Boccacini pode não ter sido sempre executada. Parece razoável supor que a presença de soldados portando lanças, fosse necessária caso o entusiasmo do jogo conduzisse aos jovens e nobres jogadores ou aos membros da multidão à perda do autocontrole (Guttmann, 1986, p. 51).

O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL MODERNO

Foi sugerido, por Bredekamp (1993, pp. 53-4), por exemplo, que o *calcio* formou o modelo no qual o futebol moderno foi baseado, mas não há nenhuma evidência direta de tal processo. Na sustentação de tal reivindicação, Bredekamp cita apenas um dado: o fato de que ingleses associados com o Consulado Britânico em Livorno fizeram parte de um jogo cerimonial de *calcio* naquela cidade, em 1776. Entretanto, essa evidência é muito frágil. No relato de Bredekamp, os ingleses envolvidos não foram identificados; nada é dito sobre como jogaram o *calcio*, quão familiarizados eram com as regras, ou quantas vezes jogaram. Mais importante, nada é dito sobre os ingleses haverem tentado introduzir o jogo a amigos e conhecidos de volta na Inglaterra. Ou seja, a inferência do relato de Bredekamp é tão forte, e a evidência tão fraca, que é melhor supor que o início do desenvolvimento do futebol moderno - e do rúgbi também; que foi co-produto socialmente - aconteceu de maneira autônoma na Inglaterra ou, mais corretamente, na Grã-Bretanha e na Irlanda. No começo do século XX, outros países começaram a se envolver também, especialmente a França. Três processos sociais que ocorreram mais ou menos simultaneamente na Grã-Bretanha nos séculos XVIII e XIX são relevantes nesta discussão: (1) a marginalização cultural do *football* popular, um processo que começou na metade do século XVIII e se acelerou no século XIX; (2) o surgimento de uma próspera subcultura do *football* - primeiramente difundida em bares e botequins; e (3) o desenvolvimento de novas formas de *football* nas escolas públicas e nas universidades a partir de, aproximadamente, 1840. Na nossa visão, este último processo social provou ser decisivo para o futuro do esporte.

A MARGINALIZAÇÃO CULTURAL DO FOOTBALL POPULAR

Escrevendo sobre *football* em 1801, Joseph Strutt discutia que: "O jogo estava anteriormente muito em voga entre os povos comuns, ainda que em anos recentes pareça ter caído na falta de reputação e seja pouco praticado" (Strutt, 1801, p. 168). Argumentos similares foram propostos por um velho Etoniano anônimo⁴ em 1831 (Dunning; Sheard, 1979, 21f) e pelo Escocês William Hone, em 1841 (Young, 1968, p. 6). O que escreveram indubitavelmente reflete uma

⁴ Nota da tradutora: Etoniano = ex-aluno do Eton College, Inglaterra.

tendência da época, mas pesquisas recentes de Goulstone (2000; 2001) e Harvey (1999) sugerem que estes autores do século XIX exageraram em magnitude e extensão. De fato, considerando-se que as formas populares do *football* não morreram completamente e variantes continuam a ser jogadas atualmente em partes da Grã-Bretanha, como por exemplo, o *football* de Ashbourne (em Derbyshire), o "*bottle kicking*" de Hallaton (em Leicestershire), ou o "*baa*" de Kirkwall (em Orkneys), parece mais apropriado considerar que o que houve foi um processo de marginalização cultural.

A respeito da marginalização cultural do *football* popular, parece suficiente no contexto atual notar que estas formas de jogar "Estado" – ou de como esses processos foram experimentados no culto XVIII e XIX pela Grã-Bretanha, que foi provavelmente no norte, Hone e o Etoniano os retrataram. Isto é, um grande número de pessoas estava começando a considerar repugnante a asperza do *football* popular. Ao mesmo tempo, a formação de novas forças sociais nos anos 1820 e 1830 – possibilitou um instrumento de controle social mais eficiente do que os previamente disponíveis. As mudanças que tinham começado em 1314 poderiam assim ser mais diretamente reforçadas e o "Projeto de lei para manter a artilharia e tirar jogos ilegais" já podia ser removido da legislação. Outro fator a ter influenciado: é possível que a sobrevivência do *football* popular através dos séculos de proibição, possa ser atribuída em parte ao apoio de membros da nobreza e aristocracia. Se esta é uma posição razoável, então uma razão adicional para a marginalização geral dos antecedentes do *football* moderno pode estar ligada à maneira como a industrialização e a formação do Estado – resultaram no aumento do poder da classe burguesa. Em consequência, a pressão por *status* entre membros da burguesia e as classes baixas tornou-se mais intensamente, levando os burgueses a retirarem seu apoio aos esportes tradicionais dos "povos comuns". Qualquer que seja o grau de adequação desta hipótese, as escolas públicas e as atividades físicas do centro do desenvolvimento das formas embrionárias do futebol e do rúgbi. Antes de examinarmos esses esportes, é necessário examinar ligeiramente a pesquisa de Goulstone e de Harvey.

OTBALL FORA DAS ESCOLAS PÚBLICAS

Até recentemente, estudiosos da história do *football* tinham a opinião expressada por Strutt, Hone e pelo velho Etoniano

de que o *football* entrou em declínio no começo do século XIX, sobrevivendo como um passatempo regularmente praticado somente nas escolas públicas. Goulstone e Harvey, entretanto, mostraram que estes estudiosos e outros autores do século XIX estavam equivocados. Certamente, não somente a evidência coletada por Goulstone e Harvey sugere que o *football* continuou a florescer no século XIX, mas sugere também que ocorreram processos de limitada modernização fora do contexto das escolas públicas. Goulstone cita, por exemplo, o seguinte anúncio de jornal, datado de 1838:

Uma partida de *football* será jogada na terra do críquete, Leicester, na Sexta-Feira Santa, entre onze homens de Derby (principalmente tipógrafos) e o mesmo número de Leicester. Os vencedores desafiaram número igual de qualquer cidade na Inglaterra, por um prêmio que não exceda £25 (GOULSTONE, 2001, p. 29).

Cinco anos mais tarde, em 1843, o seguinte jogo foi descrito como tendo ocorrido em Thurstone, na área de Holmfirth, Yorkshire:

Uma partida excelente de *football* ocorreu em Thurstone ultimamente, entre seis celebrados jogadores deste lugar e seis de Totties, e terminou sem gols. Este último (time) está preparado para um novo jogo, nos seguintes termos: seis ou oito jogadores de cada lado, na metade do caminho entre Shroveide e a outra localidade, por £5 para cada time. O dinheiro está disponível com o Sr. Charles Whitehead, no Blue Cap Inn, em Totties. O time de Thurstone também pode ser acomodado nos mesmos termos (GOULSTONE, 2001, p. 30).

Estes dois exemplos devem bastar como ilustração das evidências oferecidas recentemente por Goulstone e por Harvey. O que estes autores mostram com sucesso é que as partidas de *football* entre times com quantidades equivalentes de jogadores, porém variáveis e ainda não padronizadas, ocorriam fora das escolas públicas, pelo menos ao mesmo tempo ou talvez antes mesmo, de ocorrerem nas escolas públicas. Estas partidas fora das escolas eram geralmente arranjadas em bares e botequins, e envolviam apostas em dinheiro. Isso sugere que, como no caso do críquete, *boxing* (pugilismo) e corridas de cavalo no século XVIII, um aspecto da modernização inicial do *football*, ou seja, a introdução da prática de jogar partidas com times compostos por números limitados e idênticos, esteve

relacionada em parte com a prática de apostar dinheiro e com o começo da monetarização, senão com a profissionalização e comercialização abertas do jogo. Dito isto, entretanto, esmagadoras evidências apontam para as escolas públicas e universidades (particularmente a de Cambridge), como sendo o principal local onde não somente a modernização do *football* ocorreu, mas também, e mais importante, a bifurcação que deu origem ao futebol moderno e ao rúgbi. No exemplo do rúgbi, certamente, isto é facilmente demonstrado pelo nome da Escola de Rugby. As evidências sugerem também que estes esportes que nasceram do *football* foram produzidos num contexto de rivalidade de *status* entre as escolas públicas. É a tais desenvolvimentos nas escolas públicas e nas universidades que nos voltamos agora.

O DESENVOLVIMENTO DO FOOTBALL NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Formadas inicialmente como instituições de caridade para a educação de "pobres, eruditos necessitados e escriturários" ou como escolas locais de gramática, durante os séculos XVIII e XIX, as escolas públicas foram gradualmente transformadas em internatos pagos, para pupilos das classes média alta e alta (Dunning; Sheard, 1979, pp. 47-51). Ao menos duas seqüências seguiram esta usurpação pelas classes mais elevadas. A primeira foi que a discrepância de classes entre mestres e pupilos (inerente na estrutura deste tipo de escolas onde os professores oriundos da classe média tentam servir as necessidades educacionais de rapazes que, na sua maioria, vêm de uma camada social mais elevada) resultava na incapacidade dos mestres de impedir que seus alunos estabelecessem as normas. A segunda foi que esta discrepância do poder e do *status* entre mestres e estudantes conduziu a uma falta crônica de disciplina e rebeliões freqüentes dos meninos. O uso do termo rebelião é pertinente neste contexto, como exemplificado pela revolta em Winchester, em 1818, que só pôde ser contida pela milícia com o uso de baionetas. Em 1793, a universidade já havia sido "cercada e saqueada pelos alunos que se apropriaram das provisões, armados com espadas, armas de fogo e cacetes... sob leve a porta de sua sala de aula derrubada, suas janelas despedaçadas, e seus livros queimados numa fogueira. A ordem foi restaurada somente com ajuda das forças armadas (Dunning; Sheard, 1979, pp. 51-53).

As bravatas da juventude provavelmente foram responsáveis por uma parte destas rebeliões. Mas aqueles dos anos 1790 foram sem dúvida - afetados também, ao menos superficialmente, por eventos ocorridos à mesma época na França. Do ponto de vista sociológico, entretanto, as rebeliões eram manifestações óbvias de uma luta entre mestres e estudantes, onde por muito tempo nenhum lado conseguiu estabelecer o domínio sobre o outro. O resultado foi a cristalização gradual de um sistema de controle duplo, que mais tarde veio a ser conhecido como *prefect-fagging* (veterano-calouro)⁴. Este era um sistema em que a autoridade dos mestres reconhecia e respeitava em sala de aula em reciprocidade pelo reconhecimento dos direitos dos *prefects* (veteranos) - ou mais especificamente, os líderes entre os estudantes mais velhos - de exercer o domínio nas atividades extracurriculares.

A peça *fagging* (calouro) do sistema emergiu como parte do mesmo processo. O fato de os mestres serem incapazes de controlar os rapazes mais velhos - significava que eram incapazes de controlá-los também com relação a seus companheiros mais novos. Em consequência, uma hierarquia de dominância emergiu entre os estudantes, determinada principalmente por idade e força física: os meninos que eram mais velhos e/ou fisicamente mais fortes dominavam aqueles que eram mais novos e/ou fisicamente mais fracos. Os calouros eram forçados ao papel de serviçais, às atividades subalternas, a exaltarem o ego e, possivelmente, a manterem relações homossexuais com os veteranos. O mais forte prevalecia e, como se poderia esperar de jovens adolescentes livres de supervisão adulta, muitas vezes exercitavam o poder de modo cruel.

O sistema veterano-calouro foi central no desenvolvimento do *football* nas escolas públicas. Em todas as escolas, o jogo era um meio através do qual - os meninos mais velhos afirmavam seu domínio sobre os mais novos. Um dos deveres que se tornaram habituais para os calouros foi o *fagging-out*⁵ no *football*. Isto significava que os calouros eram compelidos a jogar e restritos ao papel de "goleiros".

⁴ Nota da tradutora: veterano-calouro é uma tradução a grosso modo de *prefect-fagging*. *Prefect* significa monitor, bedel; *fag*, em inglês britânico, significa requerer de um calouro que faça tarefas insignificantes e por vezes pejorativas - vem do grego "escravo", na gíria americana, *fag* = homossexual - pejorativo.

⁵ Nota da tradutora: de *fag*, novamente, em inglês britânico = requerer de um calouro que faça tarefas insignificantes e, por vezes, pejorativas, vem do grego "escravo".

quer dizer, arranjados "em massa", linearmente, ao longo da linha do gol. Assim, sugere-se que em Westminster do século XIX, "os rapazes mais jovens, os *duffers*, e os *funk-sticks*" eram os goleiros, doze ou quinze em cada extremidade". *Douling*, sinônimo de *fagging*, que deriva do grego "escravo", era o nome dado ao *football* em Shrewsbury. Em Winchester no século XIX, os *fags*, um em cada extremidade, foram usados inclusive como "demarcadores" da área do gol - a bola tendo que passar entre suas pernas abertas para que se marcasse um gol. Os *fags* foram usados também como demarcadores da área de jogo (Dunning; Sheard, 1979, p. 55); isto é, foram alinhados ao redor do campo.

Assim como nos jogos populares que o antecederam, o *football* nas escolas públicas, neste estágio, foi governado por regras orais. Isto significa que o caráter do jogo variou de escola a escola, as diferenças sendo determinadas por decisões relacionadas às peculiaridades geográficas de cada área onde o esporte era praticado - o jogo não era ainda jogado em campos construídos e marcados especificamente para o *football* - e pelo acréscimo de tradições locais específicas. Apesar de tais diferenças, entretanto, segurar (ou tocar com as mãos) a bola, assim como chutá-la, era permitido em todas as escolas.

Todas as formas de *football* das escolas públicas neste estágio eram caracterizadas também pela aspereza. Nos *scrimmages*⁶ do *football* de Charterhouse, por exemplo, "as tibiãs ficavam negro e azul; as jaquetas e outros artigos do vestuário viravam farrapos, e os *fags* eram espezinhadados" (Dunning; Sheard, 1979, p. 56). Em Westminster "o jogador tropeçava, montava, acotovelava, empurrava com os ombros e sentava no adversário - de fato, poderia fazer qualquer coisa exceto talvez matar para retomar a posseção da bola" (Dunning; Sheard, 1979, p. 55). Além disso, no "campo" de *football* de Charterhouse, sempre havia um bom número de tibiãs quebradas, porque a maioria dos jogadores usava chuteiras com pontas de ferro e alguns se vangloriavam abertamente de "dar" mais do que "receber" (Dunning; Sheard, 1979, p. 56). Chuteiras com pontas de ferro eram

usadas também em Rugby, onde eram chamadas *navvies*. De acordo com um velho cidadão de Rugby, recordando, em 1920, experiências passadas, os *navvies* tinham "uma sola grossa, e o perfil ou vista lateral frontal que se assemelhava muito a frente de um navio revestido com ferro", como um navio de guerra (Dunning; Sheard, 1979, pp. 55-57). Eram usados especialmente com a finalidade de *backing*⁹ - uma técnica praticada com a finalidade de quebrar o *scrimmage* e uma forma de ataque.

O DESENVOLVIMENTO DE REGRAS ESCRITAS E A BIFURCAÇÃO DO FUTEBOL E DO RÚGBI

Durante os anos 1830 e 1840, quando a marginalização cultural do *football* popular estava começando a alcançar seu auge, novas formas do jogo - mais apropriadas às condições sociais emergentes e aos valores de uma sociedade urbanizada e industrializada, na qual a formação e a civilização do Estado estavam avançando - começaram a surgir nas escolas públicas. Centrais neste processo foram: (1) A escrita das regras; (2) a demarcação estrita do tamanho e da forma da área de jogo; (3) a imposição de limitações mais estritas quanto à duração dos jogos; (4) uma redução no número de jogadores; (5) uma igualação do número de jogadores de cada equipe; e (6) a imposição de regulamentos mais estritos sobre o uso da força física. Foi no curso desta modernização incipiente - que parece ter sido mais abrangente e talvez em parte relacionada aos comparáveis progressos da sociedade como um todo, como por exemplo, o *football* jogado pelo dinheiro das apostas de bares, fato amplamente documentado por Goulstone e por Harvey - que o futebol e o rúgbi começaram a emergir da matriz de jogos localmente diferenciados da escola pública. O rúgbi parece ter sido o primeiro a começar a desenvolver o seu perfil distintivo.

Acredita-se que o rúgbi resultou de um único ato divergente, praticado por um único indivíduo (Macrory, 1991, pp. 23-52). O indivíduo em questão foi William Webb Ellis, de quem se disse em 1823: "com uma fina desconsideração pelas regras do *football*" praticadas na Escola de Rugby naquele tempo, pegou a bola e correu com ela. Não há nenhuma dúvida que Webb Ellis foi estudante da Escola de Rugby em 1823. Duvidosa é esta explicação reducionista

⁶ Nota da tradutora: *gíria*, *duffers* = mascaste, vendedor ambulante, pateta, idiota ou incompetente.

⁷ Nota da tradutora: *gíria*, *funk* = medroso, covarde - *stick* = vara, pau.

⁸ Nota da tradutora: termo usado em rúgbi, para descrever formação ou jogada onde os jogadores das duas equipes estão frente a frente e a bola é lançada para trás.

⁹ Nota da tradutora: abrir fendas, como com uma enxada.

do surgimento do rúgbi. É sociologicamente mais plausível supor que o rúgbi e o futebol foram co-produzidos. Isto é, são compreendidos melhor como sendo produzidos não simplesmente dentro das escolas públicas isoladamente, mas dentro da esfera social mais ampla, formada por todas as escolas públicas num estágio particular de industrialização, urbanização e civilização da Grã-Bretanha, aproximadamente entre 1830 e 1850. Esse era um estágio onde as tensões, entre as classes baixas e a burguesia cresciam intensamente e parece razoável supor que estas intensificações de tensões de classe e *status* se refletissem nas relações entre as escolas públicas, fazendo parte do desenvolvimento de maneiras diametralmente opostas de se jogar o *football*.

Supondo que os dados existentes sejam confiáveis, a primeira escola pública a estabelecer regras escritas para o *football* foi a de Rugby. De acordo com Marples (1954, p. 137) e Young (1968, p. 63), esse processo ocorreu em 1846. Em 1960, entretanto, Eric Dunning encontrou regras datadas de 1845 na biblioteca da Escola de Rugby (ver Dunning, 1961; Macrory, 1991, pp. 86-90). Estas regras eram basicamente as mesmas produzidas em 1846, exceto que eram precedidas de regras organizacionais e disciplinares que dão uma idéia da razão, pela qual o processo de codificação pode ter ocorrido. O sistema *prefect-fagging* (veterano-calouro) de Rugby havia sido reformado por Thomas Arnold, diretor da escola de 1828 a 1842. Basicamente, o que Arnold conseguiu – estamos nos referindo somente a suas medidas disciplinares e não as suas realizações acadêmicas – foi a transformação do sistema *prefect-fagging* (veterano-calouro) de controle duplo, que era condcente a desordem persistente, em uma variante do sistema, que em Rugby levou a uma harmonia maior tanto em relações funcionários-estudantes quanto nas relações entre estudantes. Não há, entretanto, nenhuma evidência de que ele tenha estado envolvido diretamente na transformação do Rugby *football* que resultou deste desenvolvimento. As regras não foram escritas até três anos após a morte de Arnold.

Um aspecto crucial do novo sistema *prefect-fagging* no desenvolvimento do *football* foi o de permitir aos mestres aumentar seu poder enquanto simultaneamente mantendo uma parte substancial de autonomia para os estudantes. Um sistema de reuniões informais chamadas *leaves* emergiu, presumivelmente da prática de Luis XIV da França, de realizar reuniões imediatamente após levantar-se da cama. Significativamente, foi uma "Sixth Form Leave" (reunião de estudantes

veteranos) que produziu as regras escritas de 1845, cuja primeira seção diz respeito ao maior controle e a legitimação do papel administrativo dos *prefects* (veteranos) com relação ao *football*.

A correlação, naturalmente, não implica necessariamente em relação causa-efeito. Entretanto, o fato de que a evidência disponível aponta para Rugby, como sendo a primeira escola pública a conseguir a reforma eficaz do sistema *prefect-fagging* e a primeira a submeter às regras do *football* à escrita – sugere fortemente que estes dois processos estiveram relacionados. Há razões para crer que além das qualidades de Arnold como professor, o fato de que a reforma disciplinar eficaz foi alcançada primeiramente em Rugby, pode ser explicado pela transformação relativamente recente da escola como escola pública – havia sido uma escola local de gramática até os anos 1790 – e pelo fato de que seus estudantes tendiam a vir de camadas sociais mais baixas do que aqueles de, por exemplo, Eton e Harrow. A discrepância de *status* entre mestres e alunos era menor em Rugby, fazendo com que a escola fosse correspondentemente mais fácil de controlar e reformar (Dunning; Sheard, 1979, pp. 74-75).

Se a evidência existente for confiável, a segunda escola pública a escrever regras para o *football* foi Eton, situada ao lado de Windsor e com associações com a corte da Inglaterra. As regras escritas foram produzidas lá em 1847, dois anos depois que Rugby tivesse submetido suas regras à escrita¹⁰. Evidentemente, o tamanho das equipes era habitual e dado por certo entre os Etonianos, não havendo nenhuma menção sobre números de jogadores nas regras de 1847. Entretanto, segundo Young, o *football* de onze jogadores de cada lado foi jogado em Eton pelo menos desde 1841 (Young, 1968, pp. 67-68). O fato de que partidas com números limitados e iguais – quinze ou vinte de cada lado – de jogadores começaram também em Rugby por volta de 1839 ou 1840, ainda que partidas entre times com números desiguais de jogadores ainda predominassem, sugere a possibilidade de que havia alguma forma de comunicação entre as escolas públicas quanto a temas relacionados ao *football* (Dunning e Sheard, 1979, p. 90). Também é possível que as escolas públicas tenham copiado ou modelado regras dos jogos comentados e organizados em bares.

¹⁰ Quando Dunning e Sheard primeiro escreveram *Barbarians, Gentlemen and Players* (Bárbaros, Cavaleiros e Jogadores) em 1979, eles acreditavam que os rapazes de Eton haviam inicialmente submetido às regras do *football* à escrita em 1849. Desde então, as regras de Eton de 1847 emergiram, reforçando a hipótese da rivalidade de *status* entre Eton e Rugby, e demonstrando que a resposta de Eton às mudanças provocativas de Rugby foi ainda mais rápida do que aparentava ser o caso.

Quatro das 34 regras descritas em Eton em 1847 são de interesse especial:

- **Regra 8** - As varas do gol devem ter 7 (sete) pés de altura acima da terra: um gol é feito quando a bola chutada passar entre as varas, desde que não passe acima do nível de 7 pés estabelecido por elas.
- **Regra 9** - O espaço entre cada vara do gol deve ser de 11 (onze) pés.
- **Regra 22** - As mãos podem ser usadas somente para parar a bola, ou tocá-la quando fora da área de jogo. A bola não deve ser carregada, jogada, ou golpeada com a mão.
- **Regra 29** - Um jogador será considerado "sorrateiro" quando somente três, ou menos de três, do time adversário estiverem diante dele e não puderem retroceder a bola.

As primeiras três destas regras eram diametralmente opostas ao Rugby, onde carregar a bola e marcar gols passando por cima consideradas como legislação para uma forma embrionária do *sneaking* (sorrateiro), que era evocativo em Eton de "jogada adida" - mesmo que o jogo hoje se assemelha ao rúgbi com suas regras que não permitem passes adiantados deliberados. O uso do *sneaking*, com seu sabor moralista, é indicativo de quão fortes os sentimentos dos rapazes de Eton sobre essa forma particular anarhar uma vantagem injusta. O *rouge* (do Francês "vermelho"), a prática de Eton, era comparável ao *try* (ensaiar, submeter à a, testar) de Rugby.

Marples (1954, p. 140) especulou que as primeiras escolas de um jogo de não-manipulação foi desenvolvido foram: o *Minster* e *Charterhouse*. Entretanto, a evidência disponível sugere que estava errado. Por exemplo, o capitão F. Markham, um ex-aluno de *Westminster*, escreveu em 1903 que "correr com a bola (ao contrário de *Rugby*)... e *fast-punting*" eram práticas permitidas no *football* *Westminster* até 1851 ou 1852" (Dunning, Sheard, 1979, p. 55). Em palavras, um intervalo de quatro a cinco anos parece haver sido a abolição da manipulação em Eton e a abolição de tal prática em *Westminster*. Talvez após um período experimental de

na tradução: impulsionar a bola com os pulsos.

introduzir um elemento de Rugby em seu *football*, os rapazes de *Westminster* tenham seguido a tendência de Eton? Similarmente, quando regras escritas foram produzidas em *Charterhouse* pela primeira vez em 1862, parar a bola com as mãos e travá-la eram práticas permitidas (Dunning, 1961, p. 104). Além disso, de acordo com *Shearman* (1887), as regras de *Harrow* incluíam quatro regras que governam o uso das mãos no ano 1887. Parece então que Eton foi a primeira escola pública a impor o tabu do uso das mãos. Segue-se então que o jogo de Eton foi provavelmente o primeiro protótipo do futebol, ou *soccer*?

Por que os rapazes de Eton quiseram produzir tal jogo? Uma possibilidade duvidosa é a de que os *Etonianos* tenham produzido um jogo quase inteiramente jogado com os pés completamente alheios ao que estava acontecendo em outras escolas públicas. Entretanto, isto é improvável. Eles consideravam sua escola como a principal escola pública em todos os sentidos. Era a segunda mais antiga, somente *Winchester* poderia orgulhar-se de *pedigree* mais longo. Tendo sido fundada pelo rei Henrique VI em 1440, Eton podia também se vangloriar de ser fundada pela realeza. Além disso, situada ao lado de *Windsor*, continuava a ter conexões com a corte e a recrutar estudantes, principalmente das camadas sociais mais elevadas. Pode-se facilmente imaginar como os rapazes de Eton reagiram ao desenvolvimento de uma maneira disjuntiva de jogar o *football* em Rugby, em seus olhos um estabelecimento obscuro, do interior, que servia primeiramente aos *parvenus* (novos-ricos).

Sub Arnold, a fama da escola de Rugby tinha começado a se espalhar e, com ela, a fama de sua forma de jogar *football*. Os rapazes de Rugby - parece razoável supor - esperavam chamar a

¹² Julgamos ser útil uma visão das várias formas de jogos de *football* jogadas nas escolas como se fosse parte de um contínuo ligando a dois extremos - em uma extremidade, um jogo imaginário sem qualquer manipulação, e na outra, um jogo imaginário com nenhuma limitação quanto ao uso das mãos. Visto nestes termos, o jogo de Eton seria posicionado razoavelmente próximo ao da extremidade anterior, o jogo de Rugby perto da última. Os jogos das outras escolas públicas principais - *Charterhouse*, *Harrow*, *Shrewsbury*, *Westminster* e *Winchester* - arranjado de forma não sequencial, seriam pontos na linha contínua entre os dois extremos. Entretanto, todos estariam mais próximos da extremidade ocupada pelo jogo de Eton do que da extremidade ocupada por Rugby. Isto por que os rapazes de cada uma destas escolas favoreceriam a forma de jogar primeiramente com os pés. Mas deixem-nos reiterar nosso ponto principal: se estivermos corretos, os jogos de Eton e de Rugby foram os mais inovadores e os que mais divergiram das normas constituídas no começo do século XIX.

atenção ao desenvolver um jogo tão distintivo. Entretanto, parece similantemente provável que desenvolvendo uma nova forma de *football* que fosse igualmente distintiva, mas em aspectos chaves diametralmente oposta ao jogo em Rugby, os Etonianos estavam deliberadamente tentando colocar os estudantes de Rugby no seu devido lugar e ornamentar este desafio com Eton no status de escola pública principal em todos os aspectos. Como Elias (2000) mostrou, a competição por *status* entre grupos da classe alta e classe média em ascensão foi um fator importante nos processos de civilização da Europa. Mais particularmente, nas "fases de colonização" membros da classe média em ascensão adotavam maneiras e padrões da classe alta, conduzindo a estes últimos as "fases de repulsão" e ao desenvolvimento - como meio de demarcação de *status* e exclusão - de padrões mais refinados que envolviam sua imposição e demandavam exercício de maior autocontrole. As mãos são um dos instrumentos físicos mais importantes dos seres humanos - proibindo seu uso em um jogo, os Etonianos exigiam que seus jogadores aprendessem a exercitar o mais alto nível de autocontrole. Na sociedade de hoje, na qual as crianças aprendem a jogar o futebol sem o uso das mãos desde pequenas, esta pode não parecer uma imposição difícil. Entretanto, quando foi introduzida pela primeira vez, deve ter sido algo equivalente a exigir que se equilibrassem ervilhas na parte traseira do garfo. De fato, discute-se que, quando os Etonianos tentaram introduzir o jogo sem manipulação aos membros da classe trabalhadora, estes tinham que jogar segurando uma moeda de um *shilling* (vigésima parte da libra) e lhes era permitido mantê-la caso tivessem sucesso em não usar as mãos.

O SURGIMENTO DO FUTEBOL COMO UM JOGO NACIONAL

Começando em 1850, as formas embrionárias do futebol e do rúgbi espalharam-se entre a sociedade como um todo. Dois desenvolvimentos sociais mais amplos reforçaram este processo: uma expansão da classe média que ocorreu com a industrialização, urbanização, formação do Estado e civilização; e uma transformação educacional geralmente conhecida como "culto aos jogos nas escolas públicas" (Marples, 1954, p. 119). Não há nenhuma necessidade de analisar aqui, estes desenvolvimentos sociais mais amplos. Basta notar que o culto aos jogos ajudou a estabelecer condições sociais conducentes à propagação da forma embrionária moderna do *football*,

sobretudo ajudando a transformar o que estava destinado a ser o futebol e o rúgbi em atividades que realçavam o status de "cavalheiros" adultos.

Esse processo de difusão envolveu a propagação das novas formas de *football*, em primeira estância do rúgbi, nas novas escolas públicas que começaram a surgir. Envolveu também a formação de clubes formados, especificamente, para o jogo de uma ou outra forma de *football*. Entretanto, na ausência de regras nacionais unificadas, partidas entre escolas e entre clubes eram difíceis, senão inteiramente impossíveis, de serem jogadas. Um exemplo das dificuldades que foram enfrentadas é fornecido em uma carta que foi escrita em 1861. Como se pode ver, na seqüência, a carta aponta a para a rivalidade entre Eton e Rugby que constituiu um, senão o único, eixo central de tensão:

O que acontece quando se propõe um jogo de *football* no Natal a times de escolas diferentes? ... Os homens de Eton estão enamorado de suas próprias regras, e torcem os narizes diante da falta de aristocracia dos de Rugby; enquanto os de Rugby retrucam que *bullying* e *sneaking* não são do seu gosto, e que não são recessos de suas tibiás ou de um *manul* ou do *scrimmage* (The Field: The Country Gentleman's Newspaper, 14 Dec. 1861, p. 525).

Em tal situação, a pressão em favor do estabelecimento de regras comuns nacionais começou a aumentar. John Charles (J.C.) Thring, um velho Salopiano (do condado Inglês de Salop), professor assistente em Uppingham, uma das escolas públicas novas, emitiu um "código de acordo" em 1862, que intitulou *The Simplest Game* (O Jogo Mais Simples)¹³. Em 1863, uma verdadeira enxurrada de opiniões resolutas, defendendo vários jogos foi manifestada através de cartas enviadas ao *The Times* por representantes de escolas públicas. Entretanto, o que se pode chamar de defesa de "particularidades das escolas" era forte no período e essas correspondências parecem ter servido somente para acentuar as diferenças entre as formas rivais do

¹³ J.C. Thring - conhecido como Charles - era o irmão mais jovem de Edward Thring, o mais velho Etoniano associado ao King's College, Cambridge, que se tornou diretor da Escola de Uppingham em 1853. J.C. foi educado inicialmente na Escola de Shrewsbury School e subsequente frequência no St. John's College, Cambridge, onde esteve envolvido com o desenvolvimento de um regulamento conciliatório para o *football*, em 1846. Ele foi também Professor Assistente da Uppingham, de 1859 a 1869.

football. Toda a iniciativa prática para resolver o impasse teria de vir de fora das escolas públicas ou de ex-estudantes destas escolas, que poderiam abordar a introdução de regras no *football* de uma maneira relativamente mais desprendida.

Escrevendo ao *Daily Telegraph* em setembro 1863, um correspondente sugeriu que um "Parlamento do *Football*" fosse estabelecido (Macrory, 1991, p. 166). Pouco depois, mais particularmente a partir de 24 de outubro de 1863, John Dyer Cartwright iniciou a publicação de uma série de dez artigos sobre o assunto no *The Field*, intitulados *The value of the Game, its present position, and the discussion concerning the rules* (O Valor do Jogo, sua presente posição e a discussão das regras) (*The Field*, 24 Oct. 1863, p. 413 - para uma análise detalhada de Cartwright ver Curry, 2003). Dois dias após a publicação do primeiro artigo de Cartwright, a reunião inaugural do que se transformaria na FA (acrônimo para *Football Association*, ou Associação do Futebol) aconteceu na Taverna do Freemason, no Inn Fields de Lincoln, em Londres. Acreditamos que se deva supor, que tais reuniões foram realizadas não em resposta às sugestões individuais de pessoas como Cartwright, Thring ou o correspondente do *Daily Telegraph*, mas em resposta ao clima geral da opinião pública para a qual eles contribuíram.

Nesta situação, o apoio começou a se polarizar em torno do modelo de Rugby e dos jogos que podemos agora reconhecer como seus complementos opostos, ou as formas embrionárias do futebol. Além do jogo de Eton, que era dominante nesta condição, havia os seus equivalentes em Charterhouse, Harrow, Shrewsbury, Westminster e em Winchester. Em poucas palavras, a bifurcação do futebol e do rúgbi que parece ter iniciado principalmente através da rivalidade entre Eton e Rugby nos anos 1840, foi perpetuada em nível nacional, conduzindo à formação de associações regulamentares distintas: o FA, como notado anteriormente, em 1863 e RFU (acrônimo para Rugby Football Union, ou União do *Football* de Rugby) em 1871. Ocupamo-nos somente da formação da FA neste artigo. A fim de apresentar um retrato mais completo, dois desenvolvimentos parcialmente autônomos são relevantes: a formação dos primeiros clubes independentes e o aumento da importância do *football* como uma atividade de lazer nas universidades de Cambridge e de Oxford.

O primeiro registro de confiança de um clube de *football* na Inglaterra vem de Sheffield, Yorkshire, onde o Clube de *Football*

de Sheffield elaborou uma constituição em 1857 e um regulamento em 1858¹⁴. Um outro clube foi inaugurado no subúrbio de Sheffield, em Hallam, em 1860, e em apenas dois anos, havia quinze clubes no distrito. As regras 5 e 6 do regulamento do Comitê de Sheffield, formuladas em 1858, mostram que o *football* de Sheffield foi modelado em um ou mais jogos que formaram as formas embrionárias do futebol. Essas regras eram:

- **Regra 5** - Empurrar com as mãos é permitido, mas hacking é injusto em qualquer circunstância.

- **Regra 6** - Prender a bola, exceto no caso de um tiro livre é absolutamente proibido.

Durante os primeiros anos da existência da FA, os administradores e os jogadores do Clube de *Football* de Sheffield forneceram a sustentação vital para o desenvolvimento de todos os clubes novatos. De fato, por um curto período nos final dos anos 1860, havia mais clubes jogando uma forma não Rugbyana do *football* de acordo a regras unificadas e centralmente administradas na área de Sheffield do que clubes em Londres jogando de acordo as regras da FA (Dunning; Sheard, 1979, pp. 125-126). Não obstante, os dados sugerem que muitos clubes foram fundados no sul da Inglaterra, particularmente em Londres e seus arredores. Por exemplo, o *Forest Football Club*, que jogou em Snaresbrook, Essex, foi fundado em 1859 pelo grupo *Old Harrovians* (Velhos de Harrow), proeminentes entre eles Charles William e John Forster (J.F.) Alcock, originalmente de Sunderland, mas residente em Chingford, Essex desde 1858 (Booth, 2002, pp. 8-9). Ambos foram proeminentes também na formação do FA. O *Forest Football Club* converteu-se no *Wanderers* em 1864, mas manteve a conexão com Harrow. Outro clube com conexões com Harrow foi o N. N. (No Names, ou "Sem Nomes") em Kilburn, embora a data de sua formação permaneça desconhecida atualmente. Outros clubes conhecidos que já existiam em 1863: Blackheath (1858), Richmond (1859) e Harlequins (1859) - todos jogavam variantes do jogo de Rugby. Foram fundados também ao redor dessa data os seguintes clubes predecessores do futebol moderno: Crystal Palace (1860), Barnes (1862) e, fora da área de Londres, o Notts County (1862).

¹⁴ Nossos dados relacionados ao *football* de Sheffield foram obtidos nos registros do clube de *football* de Sheffield, que se encontram nos Arquivos da Cidade de Sheffield e na Biblioteca Central de Sheffield.

A significância das universidades de Cambridge e de Oxford para o desenvolvimento do futebol - há evidências mais relevantes sobre Cambridge - apóia-se principalmente no fato de que, naquelas instituições, os jovens de classe alta e média alta começaram pela primeira vez a jogar regularmente as novas formas do *football*. Estas formas começaram a ser jogadas por universitários ao final dos anos 1830, conjuntamente com a propagação do "culto aos jogos" nas universidades, um fato que não surpreende, visto que a maioria desses estudantes veio das escolas públicas. O esporte, naturalmente, já estava estabelecido como uma instituição na universidade. O que aconteceu, conjuntamente com o culto aos jogos, foi que os jogos de bola, juntamente com *rowing*¹⁵ e o atletismo de trilha e campo, começaram a substituir esportes tais como a caça, no topo da hierarquia do prestígio dos esportes nas universidades. Era, em outras palavras, um desenvolvimento abrangentemente civilizador, no sentido proposto por Elias. O críquete e o *rowing* foram os primeiros a se tornarem estabelecidos, todavia, desde aproximadamente 1850, os devotos do *football* começaram a disputar uma posição mais elevada para seu jogo na escala do prestígio. À proporção que o esporte ganhou aceitação, estudantes de escolas distintas, educados de acordo a tradições diferentes do *football*, começaram a jogar junto. Desde que números relativamente pequenos de membros das diferentes escolas se encontravam na mesma escola, há um mesmo tempo, era necessário fixar competições regulares e significativas entre os *old boys* (estudantes) de escolas diferentes para que jogassem juntos. Entretanto, a ausência de regras comuns significava que tais partidas eram frequentemente dominadas por conflitos. Por exemplo, sabemos que durante uma partida no Trinity College em Cambridge, em 1848, os rapazes de Eton "berraram com os de Rugby, pois estes tocaram a bola com as mãos" (carta de Henry Charles Malden ao FA, datada de 8 de Outubro de 1897). Este exemplo fornece uma sustentação adicional para a hipótese que esboçamos anteriormente, a respeito da tensão entre Etonianos e Rugbianos. Foi o desejo de evitar tais tensões e expandir o setor competitivo do *football* que conduziu às tentativas de construir regras comuns.

Regulamentos comuns foram produzidos em Cambridge em 1838, 1846, 1848, 1856 e 1863. A frequência com que novas regras tiveram de ser escritas - sugere que nenhuma dava conta do trabalho.

Dos vinte e seis autores, dos cinco conjuntos de regras, dezessete eram estudantes oriundos do Trinity College, instituição favorecida por cidadãos de Eton que constituíam uma porcentagem elevada da população estudantil (para uma discussão mais detalhada ver Curry, 2002). Isto sugere que a influência dos Etonianos na comunidade do *football* de Cambridge naqueles anos era forte, o que ajuda a explicar porque as regras de 1856 e de 1863, as únicas que sobreviveram, assemelham-se ao jogo do campo de Eton no que diz respeito à incorporação do tabu de não tocar a bola com as mãos e ao absoluto tabu contra o *hacking*. Somente o regulamento de 1863 teve consequências duradouras. Isso por que, mais tarde no mesmo ano, durante as reuniões inaugurais da novata FA, uma tentativa foi feita de impor as regras unificadas contendo componentes do *rúgbi*, e os partidários da forma embrionária do futebol usaram as regras de Cambridge de uma maneira que ajudou a perpetuar a bifurcação emergente. As regras de 1863 de Cambridge foram produzidas em outubro por um comitê que compreendia estudantes de seis escolas: Eton, Harrow e Rugby, cada qual com dois representantes; Marlborough (jogava ao estilo Rugby), Shrewsbury e Westminster, cada qual com um representante. A maioria (6-3) do comitê, favorecia as escolas que jogavam a forma embrionária do futebol, conduzindo, sem nenhuma surpresa, a adoção das regras que espelhavam suas preferências. As regras que governavam o uso das mãos e do jogo violento - as áreas as mais importantes de discordância - liam como se segue:

-Regra 13 - A bola, quando no jogo, pode ser parada por qualquer parte do corpo, mas jamais pode ser presa ou tocada pelas mãos, braços ou ombros.

-Regra 14 - Atacar é justo, mas segurar, empurrar com as mãos, atropelar, tropeçar e dar "caneladas" são práticas proibidas (Dunning; Sheard, 1979, p. 105).

Estas regras provavelmente remanesceriam com significância apenas local, não fosse pela série de reuniões realizadas em Londres no final de 1863, às quais já aludimos. Estas foram as reuniões inaugurais da FA e merecem especial consideração.

Aparentemente, as primeiras três reuniões da nova associação prosseguiram calmamente. Houve concordância sobre o esboço das regras do jogo, e estas foram impressas. Entretanto, continham elementos significativos do *rúgbi* e, se tivessem sido adotadas,

¹⁵ Nota da tradutora: to row = enfileirar.

legitimariam as práticas relacionadas ao *backing* e ao *carrying* no novo jogo, que a nascente FA esperava presidir. A quarta reunião foi realizada em 24 de novembro e o conflito inerente na bifurcação incipiente do futebol e do rúgbi foi aberto. Até aquele momento havia permanecido dormente, pelo menos até onde registros oficiais podem atestar. O que aconteceu entre a terceira e a quarta reunião foi que as regras de 1863 de Cambridge foram submetidas à observação de partidários do jogo na forma embrionária do futebol, e estes se impressionaram principalmente com as regras que proibiam o *backing* e ao *carrying* (carregar a bola). Incentivados pela sustentação de um filão tão prestigioso, os defensores do *football* sem mãos partiram para a ofensiva. O apoio veio também do clube real do Royal Engineers Football Club, Chatham, e de William Chesterman, do Sheffield FC. De acordo a Chesterman, as regras recentemente impressas eram 'diametralmente opostas ao *football* e... mais sugestivas de uma luta romana' (Green, 1953, p. 28). A maré estava começando a virar a favor do modelo embrionário do futebol.

Logo após a abertura da quarta reunião, J.F. Alcock, um de seus irmãos mais velhos do grupo Old Harrovians, propôs "que as regras de Cambridge parecem ser as mais desejáveis para a adoção e recusada a sugestão proposta por Francis Maule (F.M.) Campbell o Blackheath Football Club de que as regras de Cambridge eram dignas de consideração". Eventualmente, uma emenda foi passada que estipulava que "o regulamento da Universidade de Cambridge resume os princípios verdadeiros do jogo com a maior simplicidade, consequentemente, um comitê será apontado para iniciar a comunicação com o comitê da universidade com o intuito de que a modifique algumas de suas regras". Antes do final da reunião, porém, um movimento liderado por uma maioria com apenas um voto de vantagem, instruiu o dito comitê a "insistir em suas negociações com a universidade para que o *backing* seja preservado" (Green, 1953, p. 26). Isto sugere que, nesse estágio, alguns membros que insistiam às reuniões inaugurais da FA ainda tentavam negociar um jogo verdadeiramente composto. Sugere também que, naquele momento, nem aqueles a favor da forma embrionária do futebol, nem aqueles a favor do seu rival rúgbi, detinham vantagem decisiva.

Assim foi a quarta reunião da novata FA, que testemunhou o primeiro conflito aberto entre os que advogavam os esportes que

brevemente se transformariam em formas nacionais rivais do *football*. Em 1 de dezembro de 1863, data da quinta reunião, esse conflito foi revelado ainda mais completamente. A discussão centrou-se outra vez nas controversas regras sobre o *backing* e o *carrying*. O Secretário-eleito, Ebenezer Cobb Morley, opinou que não tinha uma forte objeção pessoal contra o *backing*, mas sentia que reter essa regra inibiria seriamente o desenvolvimento do *football* como um jogo adulto. O Presidente-eleito, Arthur Pember, o apoiou, referindo-se a um grupo de quinze que ele havia organizado para uma partida: "Eu era o único que não tinha estado em uma escola pública", disse ele, e "éramos todos mortalmente contra o *backing*" (Green, 1953, p. 29). F. M. Campbell, do Blackheath FC, era o principal partidário do *football* de Rugby, e em sua opinião, o *backing* era essencial se um elemento de *pluck*¹⁶ devesse ser retido no *football* e seria ameaçado se o *backing* e o *carrying* fossem excluídos do jogo da associação - neste caso, seu clube se retiraria. Os partidários do jogo de Rugby foram derrotados na votação, e as regras controversas retiradas. Um exame detalhado das listas dos presentes àquelas reuniões, sugere que os partidários do jogo na forma embrionária do futebol haviam "conspirado" para asseguraram-se de que seria a maioria quando os votos fossem contados. Em 8 de dezembro, na sexta e última reunião inaugural, Campbell levantou-se para dizer que, embora seu clube aprovasse o FA e seus alvos, as regras adotadas emascarariam o *football*. Blackheath recusou-se a apoiar tal jogo, e retirou o time da associação. Com esta ação, o clube de Blackheath pavimentou o caminho para a divisão final e irrevogável das maneiras de jogar que viriam a ser o futebol e o rúgbi.

As "leis" 9 e 10 do regulamento adotado pela recém formada FA em 1863, marcaram o desenvolvimento decisivo do futebol como um esporte distinto do *football* de Rugby principalmente pela eliminação das práticas do *backing* e *carrying*:

- Lei 9 - Nenhum jogador poderá carregar a bola.
- Lei 10 - *Hacking* e *tripping* não serão permitidos.

A intenção civilizadora dos autores destas regras emerge mais claramente na "lei" 14, que lê:

¹⁶ Nota da tradutora: *pluck* tem vários significados em inglês, pode ser: arrancar, puxar, suculir, dar um safanão, ou roubar, furtar.

- **Lei 14** - Não será permitido a nenhum jogador ter unhas compridas, uso de chuteiras com placas do ferro, ou guta-percha nas solas ou calcanhar das chuteiras.

Que o jogo neste estágio continuava a envolver um componente de manipulação emerge da "lei" 8, que lê:

- **Lei 8** - Se um jogador apreender a bola justamente, estará intitulado a um tiro livre, desde que o reivindicque imediatamente, fazendo uma marca com seu calcanhar.

Apesar desta dicotomia do jogo de *football*, tanto as formas definidas pela FA quanto o rúgbi prosperaram. Entretanto, durante a última parte do século XX, deveria ser o futebol a emergir não somente como a forma preferida do *football*, mas também como o esporte de equipe mais popular do mundo. As razões para seu sucesso comparativo não são difíceis de entender. O esporte requer pouco equipamento e é comparativamente barato de jogar. Suas regras – exceto talvez as que dizem respeito às jogadas em impedimento – são relativamente fáceis de compreender. Sobre tudo, estas regras facilitam um jogo rápido, aberto e fluído, e finalmente balanceado entre um número de polaridades interdependentes tais como é a força e a habilidade, o indivíduo e a equipe, o ataque e a defesa (Elias e Dunning 1986: 191-204). Como tal, sua estrutura permite a geração de níveis alternados de excitação que são satisfatórios tanto para jogadores quanto para espectadores. No coração disto, encontra-se o fato de que as partidas envolvem "lutas" físicas entre dois grupos governados por regras que permitem às paixões se manifestarem, mantendo-as, contudo, na maioria das vezes, sob controle. Até ao ponto em que são reforçadas e/ou obedecidas voluntariamente, as regras do futebol limitam também o risco de ferimento sério aos jogadores. Este é um outro aspecto pelo qual se pode dizer tratar-se de um jogo relativamente "civilizado". O futebol de elite também apresenta uma qualidade de *ballet* que, juntamente com o colorido das roupas dos jogadores e os modos espetaculares de apresentação, ajuda a compreender o seu apelo tão abrangente.

Naturalmente, outros esportes possuem algumas das características sinaladas aqui, mas somente o futebol tem todas. Razão pela qual, é razoável acreditar, é o jogo de equipe mais popular do mundo.

REFERÊNCIAS

- BOOTH, K. *The father of modern sport: the life and times of Charles W. Alcock*, Manchester: The Parrs Wood Press, 2002.
- BREDEKAMP, H. *Florentiner Fussball: die Renaissance Der Spiele*, Frankfurt/M: Campus, 1993.
- CURRY, G. *The trinity connection: an analysis of the role of members of Cambridge University in the Development of Football in the Mid-Nineteenth Century*. The Sports Historian, v. 22, n. 2, pp. 46-73, 2002.
- CURRY, G. *Forgotten man: the contribution of John Dyer Cartwright to the football rules debate*. Soccer and Society, v. 4, n. 1, pp. 71-86, 2003.
- DUNNING, E. *Early stages in the Development of Football as an organised game*. unpublished MA Thesis, University of Leicester, 1961.
- DUNNING, E. SHEARD, K. *Barbarians, gentlemen and players: a sociological study of the Development of Rugby Football*. Oxford: Martin Robertson, 1979.
- ELIAS, N. DUNNING, E. *Quest for excitement: sport and leisure in the civilising process*. Oxford: Blackwell, 1986.
- ELIAS, N. *The civilising process*. Oxford: Blackwell, 2000. Revised translation edited by E. Dunning; J. Goudsbloum and S. Mennell.
- GARDNER, P. *Nice guys finish last*. London: Allen Lane, 1974.
- GOULSTONE, J. *The working-class origins of modern football. International Journal of the History of Sport*, v. 17, n. 1, pp. 135-143, 2000.
- GOULSTONE, J. *Football's secret history*. Uppminster : 3-2 Books, 2001.
- GREEN, G. *The history of the Football Association*. London: Naldrett, 1953.
- GUTTMANN, A. *Sports spectators*. New York: Columbia University Press, 1986.